



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul  
Brasil

SETTI RECKZIEGEL, ANA LUIZA

Blancos Caudilhos x Blancos Doutores: um partido dividido entre fronteira e porto, no Uruguai de 1890

Estudos Ibero-Americanos, vol. XXXIV, núm. 1, junio, 2008, pp. 65-75

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134612638004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Blancos Caudilhos x Blancos Doutores: um partido dividido entre fronteira e porto, no Uruguai de 1890

ANA LUIZA SETTI RECKZIEGEL \*

---

**Resumo:** Este artigo pretende analisar a composição do Partido Blanco no Uruguai da década de 1890. As hostes partidárias brancas estavam, então divididas entre os doutores, chamados assim os próceres do partido que defendiam os interesses urbanos a partir de Montevideu, e os líderes caudilhescos notadamente da fronteira norte do país, calcados numa posição que ensejava a manutenção de um Uruguai rural e tradicional.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the composing of Blanco Party in Uruguay of the 1890's. The armies of Blanco Party were, then, divided between the doctors, so-called important people of the party who defended urban interests from Montevideo, and the leaders of Caudilhos significantly from north border of the country, trampled on a position that provided the maintenance of a rural and traditional Uruguay.

**Palavras-chave:** Uruguai. Política. Partido Blanco.

**Key words:** Uruguay. Politics. Blanco Party.

---

A segunda metade do século XIX foi pródiga em confrontos políticos entre os principais articuladores da política uruguaia, o Partido Blanco e o Partido Colorado.<sup>1</sup> A revolução armada constituiu uma prática da qual lançaram mão com frequência estes grupos políticos. Especificamente, os anos de 1890 foram cenário de mais um destes enfrentamentos: a Revolução de 1897, que opôs novamente blancos e colorados numa disputa pelo poder político no país. Numa abordagem mais superficial, poder-se-ia afirmar que

---

\* Professora Titular do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

<sup>1</sup> Exemplos desses conflitos armados são o Levante de Venâncio Flores, nos anos 1860, a Revolução de Timóteo Aparício, na década de 1870, entre outros de menor importância.

os blancos eram os representantes da zona de campanha, a fronteira norte do Uruguai. E os colorados seriam ligados à chamada cidade-porto. No entanto, a proposta deste artigo não se centra fundamentalmente na análise dos fatores que levaram blancos e colorados a confrontarem-se em 1897. Para além desse elemento, o objetivo central deste trabalho é demonstrar que no interior das hostes do próprio Partido Blanco havia uma dicotomia visível entre os interesses e métodos do grupo representante da campanha e liderados pelo caudilho Aparício Saraiva, e o grupo dos chamados “doutores”, detentores dos cargos de chefia do Diretório do Partido Blanco em Montevideu. Essas duas visões, a do caudilho e a dos doutores, embaça a atuação dos blancos nesse último confronto armado do século XIX, o de 1897.

Imprescindível para a compreensão dessa dicotomia no interior do Partido Blanco, é a análise da conjuntura política do Uruguai nos momentos que antecedem a Revolução de 1897 e que abordaremos de forma panorâmica nas linhas seguintes.

### **1 O enfrentamento político-partidários no Uruguai de 1896-1897**

O governo de Juan Idiarte Borda, do Partido Colorado, não se diferenciou em essência do de seu antecessor, Julio Herrera y Obes. A vigência da *influência diretriz*<sup>2</sup> fez com que os partidos adotassem a estratégia da abstenção, o que causava sérios descontentamentos e muita movimentação política neste período, que antecedia as eleições presidenciais. O Partido Blanco atacava o sistema que havia colocado todos os dispositivos eleitorais em mãos do Executivo e à sua crítica não escapava nenhum ato da administração colorada.

Nas próprias hostes do coloradismo, agrupavam-se em torno de José Batlle y Ordoñez e do jornal *El Día*, uma prédica contrária ao governo de Idiarte Borda. Outro grupo opositor, *La Unión Cívica*, com elementos do Partido Constitucional e do Partido Blanco, colocavam-se, porém, contra a política abstencionista do Diretório blanco. Entre seus membros figuravam nomes conhecidos como Jacobo Varela, Alberto Palomeque, Enrique Castro, Luis Melián

<sup>2</sup> A doutrina consubstanciada na *influência diretriz* transformava o presidente no condutor do processo eleitoral, responsável por todas as suas coordenadas. Ver WILSON, José de Torres. *Caudillos y partidos políticos*. Montevideo: Ediciones de la Planta, 1986, p. 55-56.

Lafinur, Gonzalo Ramírez. Em alto e bom som, proclamavam a ineludível necessidade moral de que os uruguaios deixassem de figurar como simples povoadores da República, exortando-os a tentar “um supremo esforço de opinião que ponha por terra a prepotência da oligarquia que se apoderara de todos os postos de origem popular e ameaçava perpetuar-se neles”.<sup>3</sup>

O intuito deste discurso era o de avivar a massa popular, cada vez mais alijada da participação eleitoral, em função das reiteradas abstenções decretadas pelo Partido Blanco e do próprio estado de dissolução do Partido Colorado.

A falta de coesão política em torno da administração do presidente Idiarte Borda era inegável. Exacerbadas críticas faziam-se a ela, principalmente no que tange à lisura de seu governo. Acusações referentes a graves desonestidades financeiras, à aquisição de propriedades em seu benefício pululavam na imprensa e nos círculos políticos de Montevideú. É preciso que se diga que esta aludida corrupção talvez não fosse nem maior, nem menor do que a conhecida em outros tempos. A respeito da face corrupta do presidente Idiarte Borda, Batlle comentava que “Borda esta por consolidar outra parte importante de sua grandiosa fortuna... Não quer somente estâncias e palácios... quer um iate presidencial do porte do que tem o Imperador da Alemanha; a embarcação será um presente da casa Harley y Companhia, em prova de agradecimento pelos trabalhinhos que lhe proporcionaram”.<sup>4</sup> Contudo, o que havia mudado era o contexto no qual estes fatos aconteciam. Os questionamentos acerca da honestidade do presidente Borda colocaram-no numa situação propícia para torná-lo o bode expiatório das culpas de todo um regime que, embora ele não houvesse criado, tampouco permitiu que se transformasse, sendo, isso sim, inflexível na sua manutenção.

À crise política somavam-se as dificuldades enfrentadas no âmbito da economia e das finanças do Uruguai. Um dos fatores responsáveis por esta crise referia-se ao processo de modernização da estância que trouxe, paradoxalmente, um significativo empobrecimento da peonada que, não tendo sido absorvida em outra atividade, tornou-se massa disponível para engrossar as fileiras revolucionárias dos políticos descontentes. À guisa de ilustramos

<sup>3</sup> PIVEL DEVOTO, Juan E. *Historia de los Partidos Políticos en el Uruguay*. Montevideo: Cámara de los Representantes, 1994, p. 501.

<sup>4</sup> *El Día*, Montevideú, 18/01/1897.

esta conjuntura, é interessante notar que somente a introdução da máquina de esquilar produziu conseqüências muito significativas. Aumentou o rendimento da lã (250 gramas por cabeça ), melhorou a qualidade dos flocos de lã com um corte mais apurado, diminuiu os ferimentos (e como conseqüência, bicheiras), permitiu cortar pessoal em quase 50% e, com isso, reduziu o valor pago pela jornada de trabalho.

Contrastantemente, em Montevideu faziam-se certas melhorias tais como projetos no porto, nacionalização da usina, canalização das águas em muitos arroios e rios, construção dos primeiros trechos de vias calçadas e até a criação do Banco da República.<sup>5</sup> A aparência de progresso, no entanto, era quase que toda montada sobre o endividamento externo, cujo transtorno no pagamento seria sentido anos mais tarde.

## **2 A dicotomia política cidade-porto × campanha**

A dicotomia entre cidade-porto e campanha era também perfeitamente visível nas relações intra-partidárias dos blancos, extremadas, de um lado pelo Diretório e, de outro, pelo grande líder caudilhista da campanha, Aparício Saraiva. A falta de coesão dos blancos havia sido, inclusive, explorada durante a presidência de Julio Herrera y Obes, apoiado por uma minoria blanca que foi premiada com um ministério e três chefaturas departamentais – as de Cerro Largo, Treinta y Tres e Flores. Os desacertos internos foram, em larga medida, responsáveis pelas sucessivas abstenções decretadas pelos blancos durante os períodos eleitorais, o que acabava por agravar o isolamento do partido na política nacional. Para os blancos as eleições eram um verdadeiro beco sem saída, que nada mais faziam que confirmar e perpetuar o desterro interno a que estavam submetidos. Parecia que este partido resignava-se com o papel de minoria que a falta de um processo eleitoral autêntico tornava impossível saber se eram ou não.<sup>6</sup>

Esta atitude passiva do Diretório não correspondia às aspirações do partido, em especial de uma nova geração blanca que entrava em cena e à qual deveu-se a revitalização do ambiente político da capital com a fundação da Comissão de Conferências

<sup>5</sup> Ver AROCENA OLIVEIRA, Enrique. *El desgaste de las levitas*. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1983.

<sup>6</sup> Ver REYES ABADIE, Washington. *Crónica de Aparicio Saravia*. Montevideo: El Nacional, 1989.

Nacionalistas e logo após de clubes permanentes que atingiriam o número de um por seção. Estes clubes espalharam-se também pelo interior, principalmente pela campanha. Em 1896 existiam vinte e cinco clubes difundindo o pensamento opositor, agrupando os militantes mais ativos. Aos atos de fundação, concorriam centenas e às vezes até milhares de correligionários, muitos deles de regiões distantes. Não é de estranhar, portanto, que o movimento reivindicatório de 1897, em forma de protesto armado, tenha partido do interior *criollo* e não da capital onde, em 1889, 47% da população era composta de estrangeiros.<sup>7</sup>

O discurso dos blancos da campanha centrava-se em pontos tais como respeito às eleições e à representação das minorias, fim da corrupção e autonomia departamental, sendo seu destacado porta-voz Aparício Saraiva.<sup>8</sup> Fazendo um balanço da situação no Uruguai, Aparício constatava que uma minoria ilustrada, vinculada por seus interesses aos capitais estrangeiros, impulsionava o governo a uma política de sacrifícios para o povo. Atrélava Idiarte Borda a este grupo, ao qual havia realizado grandes concessões em transações financeiras verdadeiramente escandalosas. O caudilho avaliava o grupo que estava no poder como privilegiados “que sugam tudo quanto podem e no qual participam não somente colorados, senão também alguns blancos”.<sup>9</sup>

### 3 As divisões internas no Partido Blanco: doutores x caudilhos

A insatisfação do caudilho tinha muito a ver, também, com a própria estrutura de seu partido que apresentava uma clara diferença entre os doutores da cidade e os caudilhos da campanha.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Nascido em Cerro Largo, em 1856, engajou-se muito cedo nos entreveros revolucionários. Participou da revolução de Timoteo Aparicio, da Revolução Tricolor e, em 1893, engajou-se, ao lado do irmão, Gumerindo, na Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul. Nesta, teve destacada atuação, percorrendo mais de três mil quilômetros e lutando em mais de setenta combates. Dali voltara general, pronto para enfrentar os acontecimentos de 1897. Ver, entre outras obras que tratam da biografia de Aparício Saraiva: GALVEZ, Manuel. *Vida de Aparicio Saravia*. Buenos Aires: El Ateneo, 1942; MENNA SEGARRA, C. Enrique. *Aparicio Saravia – el ultimo caudillo*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1977; e MONEGAL, José. *Vida de Aparicio Saravia*. Montevideo: Monteverde, 1984.

<sup>9</sup> Ver REYES ABADIE, op. cit., p. 141.

A volta de Aparício ao Uruguai provocou grande expectativa e vários caudilhos blancos visitavam-no constantemente, solicitando que liderasse a próxima revolução armada. Entre estes caudilhos figuravam Carmelo Cabrera y Arostegui, Basílio Muñoz e outros, veteranos de 1870, como Agustín Urtubey, Fortunato Jara, Celestino Alonso, Nicásio Trías, Manoel Rivas, Pedro Francia, que consideravam não haver outra saída para o restabelecimento das liberdades democráticas que não fosse a revolução popular nacionalista.

Termômetro dos preparativos revolucionários foi a fundação do *Club Gumersindo Saraiva*, em agosto de 1896, cujos propósitos resumiam-se em lutar para que o direito de voto fosse respeitado, terminando com as vexatórias fraudes eleitorais. Inaugurado o *club*, resolveu-se que no primeiro domingo do mês de outubro iniciassem-se os exercícios militares, escolhendo-se a zona de Cañada Brava, nos campos de Chiquito Saraiva, nomeando-se como instrutor a Lindoro Pereira. Também teriam lugar os denominados *ejercicios doutrinarios*. A fim de comunicar os correligionários a respeito destas manobras, decidiu-se publicar a ata em *El Nacional*, o que causou certo alarme no governo que, então, iniciou um trabalho de espionagem sobre Aparício.

À fundação do *Club Gumercindo Saraiva* seguiram-se a de mais dois *clubs* blancos, o *Comandante Vázquez* e o *Puentes Barrera*, em San Ramón e em San Gregorio, respectivamente. O movimento de fundação de clubes nacionalistas repercutiu em todo o país.

As notícias que chegavam a Montevideú davam conta dos preparativos bélicos que se fazia na campanha sob o comando de Saraiva. Em Buenos Aires, desde setembro de 1896, estava constituída uma Junta de Guerra, integrada por Juan Golfarini, Duvimoso Terra, Jacobo Berra, Eduardo Acevedo Díaz e Carlos Morales.<sup>10</sup>

Por fim, Saraiva dirige-se a Montevideú a fim de entender-se com o Diretório nacionalista sobre os planos revolucionários. Em entrevista com Martín Berinduague, chefe do Diretório, o caudilho vê frustrada sua estratégia, quando aquele lhe pede que adie por um ano a revolução, visto que o Partido não possui recursos para manter a luta. Diante de tal argumento, Aparício, mostrando-lhe uma carteira, retruca: “Aqui trago meus títulos de propriedade.

<sup>10</sup> Ver REYES ABADIE, Washington. *Julio Herrera y Obes – el primer jefe civil*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1977.

Vem também os de meus irmãos Chiquito e Mariano. Estão a disposição de vocês, do Diretório. Prefiro deixar meus filhos pobres mas com pátria e não ricos e sem ela”.<sup>11</sup>

A disposição do caudilho não encontrou receptividade junto aos membros do Diretório, que mantiveram-se em uma calculada frieza em relação à antecipação revolucionária. Tanta reticência demonstra claramente que os correligionários não acreditam no caudilho, coincidindo seu ponto de vista com o do governo Borda, que não atribuía maior importância à sua ação.

É inegável que este primeiro encontro, tão pouco estimulante, com os dirigentes de Montevideu incrementou no caudilho sua prevenção de homem do campo e veterano do Brasil contra as indefinições e transigências de tantos personagens urbanos. Anos mais tarde atribuir-lhe-se-ia o seguinte comentário: “Se eu me guiasse pelos conselhos dos doutores, nem os caranchos viriam comer minha carniça quando eu morresse”.<sup>12</sup>

Os preparativos revolucionários de Aparício aceleraram-se na medida em que o descompasso com o governo agravava-se por ocasião do episódio das tristemente famosas *levas*, em outubro de 1896. As *levas* constituíam um recrutamento forçado de pessoas aptas a comporem as fileiras do exército e, nesta ocasião, foram realizadas em vários locais da campanha como Cerro Largo, Tacuarembó, Treinta y Tres e Durazno.

Os recrutamentos na campanha provocaram verdadeiro alvoroço nas hostes blancas locais, tanto que o Diretório, em Montevideu, não pôde ficar alheio às reações. *El Nacional*, periódico porta-voz do Partido, sob direção de Eduardo Acevedo Díaz, enviou um emissário a *El Cordobés* que testemunhou diretamente a indignação de Aparício.

O Diretório decide sair de seu estado de mudez e solicita informações detalhadas sobre a situação denunciada pela imprensa, às quais Saraiva responde através do seguinte telegrama: “Denúncias imprensa exatas. Muitos recrutados permanecem em serviço; outros, licenciados até segunda ordem. Foram distribuídas armas e munições. Alarme vizinhança foi geral”.<sup>13</sup>

Os sucessos da campanha, no entanto, não foram suficientes para que os doutores blancos tomassem uma atitude mais enérgica.

<sup>11</sup> MONEGAL, Jose. *Vida de Aparicio Saravia*. Montevideu: Monteverde, 1984, p. 145.

<sup>12</sup> Ver MENNA SEGARRA, C. Enrique. *Aparicio Saravia – las ultimas patriadas*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1977, p. 43.

<sup>13</sup> REYES ABADIE, op. cit., 157.



Ao contrário, o Diretório permanecia postulando uma linha de conduta diferenciada da proposta por Aparício, que continuava trabalhando sozinho na organização do movimento que logo eclodiria.

Apesar do apelo do Diretório, cujo intuito último era o de organizar com *perfeição* a seus adeptos, por onde se pode inferir um certo temor pelo fracasso de um movimento precipitado, os rumores de revolução aumentam. Convencido de que seus correligionários não obedecerão às suas designações, o Diretório envia uma circular telegráfica ao presidente da Comissão Nacionalista de Cerro Largo, Doroteo Navarrete, na qual afirma que os conspiradores *invocam indevidamente a representação do Partido Blanco* e condena *todo movimento anárquico*. Ao inteirar-se da circular, Aparício apenas exclama: “quanto mais sós nos deixam, mais nos vão dever”<sup>14</sup>, e prossegue na organização do movimento armado.

Tentando evitar a ruptura completa com o Diretório, o presidente do club Gumersindo Saravia, Ceferino A. Costa, dirige-se a Montevidéu. Ali, entre outros encontros, visita a don Eduardo Acevedo Díaz que lhe fala de um possível acordo entre a Junta de Guerra em Buenos Aires e o Diretório Nacionalista. Interpretando mal as declarações de Acevedo Díaz, Costa transmite a Aparício a notícia de que deveria ativar o levantamento armado. Desfeito o engano, já era tarde para voltar atrás.

Aparício contava com pouco ou nenhum apoio dos montevideanos antigovernistas, quer blancos, quer colorados. E o povo, por seu turno, carecia da consciência necessária para tornar efetivas suas reivindicações. Por isso a ação do caudilho fez-se imprescindível para transformar a situação.

A insistência do Diretório Blanco em retardar a ação revolucionária seria inócua no esmorecimento das adesões que chegavam de distintos pontos da campanha.

#### **4 Tensões na campanha blanca: caudilhos x caudilhos**

Apesar da significativa adesão regional, os blancos da campanha também exibiam fissuras nas suas hostes, como aquela representada pelo grande adversário local de Aparício Saraiva, o general Justino Muniz. Blanco de origem, mas prestando serviços ao governo colorado, Muniz gozava de certo prestígio na região,

---

<sup>14</sup> Idem, p. 150.

em parte devido à sombra dos feitos de seu tio Ángel Muniz, chefe supremo da revolução de 1875, e em parte por seus méritos próprios por sua atuação em várias batalhas como as de 1863; a guerra de 1870; e a Tricolor, em 1875.

Justino Muniz considerava-se blanco. Para afirmar essa condição havia pintado sua casa com as franjas azuis e brancas da bandeira oriental e adornado as paredes com retratos de chefes nacionalistas, caudilhos de passadas revoluções. Muniz, contudo, não via problemas em estar servindo os governos colorados desde 1880 e tampouco de ter aceitado o grau de coronel outorgado por Máximo Santos, e o de general, por Herrrrera y Obes. O caudilho Muniz era um *gaucho* analfabeto, que nem sabia assinar o próprio nome. Mantinha certo relacionamento com os Saraiva, porém, nem Aparício e nem Chiquito, e os demais blancos do departamento, salvo alguns que dele obtinham vantagens, consideravam-no membro do Partido Nacional. *Marca borrada*, dizia Aparício dele e dos outros que haviam se apartado do autêntico nacionalismo.<sup>15</sup>

Quando se inicia a mobilização armada, Aparício ordena a Chiquito que dirija-se ao armazém do genro de Muniz, José Zavala, a cerca de sessenta quilômetros de Cerro Largo, no caminho para Coxilha Grande, a fim de que entrasse em tratativas com o caudilho, que ali costumava passar as manhãs, para que colaborasse com a patriada em marcha. Em caso de recusa, solicitar-se-ia a neutralidade de Muniz, que deveria retirar-se para o Brasil. A proposta tinha cabimento, uma vez que Justino Muniz proclamava-se blanco.

O que tinha tudo para ser um episódio pacífico transformou-se em uma grande tragédia. Chiquito, ao invés de tratar pessoalmente do assunto, mandou um subordinado com dezoito homens armados. Ao ver o destacamento chegando, os frequentadores do armazém trancafiaram-se lá dentro e os receberam a tiros. Na refrega morreu o enviado de Chiquito, sendo que os demais atearam fogo no estabelecimento, resultando um filho de Muniz ferido, e o outro morto por asfixia.

Nestas circunstâncias, longe de cooperar, o general Muniz converteu-se em implacável inimigo dos revolucionários, organizando forças que passaram a persegui-los e reforçando sua posição de importante bastião legalista.

<sup>15</sup> A respeito de Justino Muniz ver: GALVEZ, op. cit.

O início da marcha saraivista ocorreu em 23 de novembro, data escolhida supõem-se para perturbar as eleições marcadas para o dia 29. O caudilho rumou em direção à sua estância em Coronilla, a sudoeste do departamento de Rivera, distante apenas seis ou sete léguas da fronteira com o Rio Grande do Sul. No dia seguinte, saiu um proclama, ditado por Saraiva e lido por Sergio Muñoz, um dos poucos homens ilustrados que o cercavam. O texto contempla os seguintes termos: "Companheiros: o Partido Nacional, vítima da usurpação e da fraude eleitoral que há trinta e um anos vem sendo, por governos desonestos que se sucedem sem interrupção um atrás do outro, abandona sua atitude pacífica para ativar sua ação na justa demanda de seus direitos civis e políticos. A honra partidária, as reparações pátrias e o prestígio de nossa bandeira nos impõem esta resolução. À sombra da bicolor cabem todo os que sem vacilações nem temores aplaudam e sustentem sem restrições o triunfo de nossas idéias, que não são outras senão ver a Pátria feliz, regenerada e florescente. Conciudadãos: é chegado, pois, o momento imprescindível de combater com as armas na mãos ao opressor governo que rege os destinos do país: é chegada a hora de levantar a bandeira da revolução armada para combater com brio, em nome da liberdade institucional.<sup>16</sup>

Aparício Saraiva esperava encontrar em Coronilla uma numerosa reunião. No entanto, a polícia proibiu o ajuntamento e aqueles que haviam comparecido acabaram retirando-se. Começam, então, a movimentar-se em busca de incorporações, obtendo apenas um contingente de mil homens armados de lança, com algumas dezenas de carabinas e pouca munição. À marcha juntam-se, também, alguns grupos vindos de Montevideu, de outros departamentos e de Buenos Aires.

Após quase duas semanas e mil e duzentos quilômetros de correrias, o movimento tem de reconhecer-se fracassado. A falta de armamento apropriado, em sua maioria composto por lanças, os diversos grupos revolucionários em número aproximado de mil homens limitaram-se a efetuar sua marcha pelas regiões próximas a Cordobés, nos departamentos de Cerro Largo e Durazno, e ao norte do Rio Negro na região de Caraguatá e na Coronilla no departamento de Tacuarembó.

<sup>16</sup> Ver REYES ABADIE, Washington. *Historia del Partido Nacional*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, p. 100.

Por sua vez, o exército governista, armado de modernos fuzis e carabinas tipo Mauser, foi encurralando os revolucionários em direção à fronteira gaúcha que, nos primeiros dias de dezembro, atravessaram através de Aceguá.

Em que pese o fracasso militar, a revolução teve importantes resultados morais e políticos. Em primeiro lugar, demonstrou que, não obstante a superioridade dos recursos humanos, organizativos e financeiros do governo, estavam longe de ser impossíveis os movimentos populares armados; em segundo lugar, serviu para manifestar a falta de autenticidade das eleições do regime coletivista, realizadas em 29 de novembro ante um boicote generalizado, cujos votos ficaram praticamente a cargo da polícia e de soldados civis.<sup>17</sup>

Ainda podemos dizer que, enfrentando o Partido Blanco, um Diretório doutoral pouco permeável às crescentes exigências de realinhamento político, após longo suceder da prática abstencionista, e frontalmente contrário à *patriada*, os blancos contavam com muitas dificuldades de êxito na sua empreitada revolucionária. Concluindo, pode-se afirmar que a divisão interna entre caudilhos e doutores e as próprias fissuras existentes entre caudilhos de peso, tais como Saraiva e Muniz, levaram ao fracasso militar da revolução de 1897. Apesar de tudo, o Partido Blanco, sob o comando do caudilho da campanha, ressurgiria na cena revolucionária em 1904 colocando o Uruguai sob o comando das armas, na última manifestação caudilhesca do ciclo iniciado por Saraiva em 1897.

---

<sup>17</sup> Ver MENNA SEGARRA, op. cit., p. 49.